

MELISSA FLEMING

UMA ESPERANÇA
MAIS FORTE DO QUE O MAR

*A extraordinária história de amor,
perda e sobrevivência de uma refugiada*

Prefácio de
Rui Marques

Tradução de Ana Maria Chaves (coordenação),
Márcia Montenegro e Maria da Luz Rodrigues

*Ao Peter, à Alessi e ao Danny, aos meus pais,
e aos mais de 65 milhões de pessoas, que foram
obrigadas a fugir e a deixar os seus lares.*

Índice

Prefácio.....	9
1. Uma infância na Síria.....	13
2. O início da guerra.....	29
3. O cerco a Daraa.....	51
4. A vida como refugiada.....	77
5. O amor no exílio.....	97
6. O noivado.....	117
7. O pacto com o diabo.....	129
8. O pesadelo começa.....	155
9. Tudo o que resta é o mar.....	169
10. Salva na hora da morte.....	193
Epílogo.....	217
Nota de Doaa.....	225
Nota da Autora.....	227

Prefácio

Um dos nossos maiores erros quando olhamos para a «crise dos refugiados» é pensar em multidões em marcha, numa massa informe, onde só se percebe ruído e se teme uma «invasão». Tenho para mim que essa imagem perturba a verdadeira compreensão do que quer dizer a tragédia de cada uma destas pessoas. As massas apagam as pessoas. Tiram-lhes a alma. Na verdade, deveríamos ser capazes de parar em cada uma destas pessoas, sem desviar o olhar, nem acelerar o tempo. Ser capazes de contemplar a sua história individual, no seu sofrimento e na sua coragem, num verdadeiro exercício de empatia. É que só quando conseguimos passar da multidão para a pessoa concreta, é que entramos verdadeiramente neste templo sagrado que é o Ser Humano.

O extraordinário nesta obra de Melissa Fleming é ter captado esse ângulo essencial. Ao invés de falar só de números e de factos, de políticas e de interesses – embora também a eles haja referência enquanto contexto – a autora focou-se na história verídica de Doaa e de sua família. No olhar depositado sobre uma vida normal, nascida em Daara, na Síria, vai-se descobrindo a normalidade de uma existência, que um dia, fica de pernas para o ar. A menina que sonhava a sua vida futura como qualquer criança síria, e que descobre a guerra como expressão absoluta do Mal. Então, vê as ruas da sua cidade, a vida dos seus amigos, as aspirações da sua família desfazerem-se. Os abusos e a violência irracional, sem limites nem escrúpulos, passam a fazer parte do dia a dia. A peregrinação que depois é obrigada a encetar, numa epopeia cheia de heroísmo, continua a mostrar-nos muito

sobre si. Na coragem e na determinação. Na resiliência e na esperança. Mas é sobretudo pela esperança que Doaa nos marca. Apesar de tudo e contra tudo, ela nunca desiste. Nos momentos mais negros da sua viagem, continua a acreditar que pode encontrar um futuro diferente. E luta por ele, por maior que seja o preço a pagar.

Pessoalmente, enquanto lia o livro, o encontro com a fotografia de Doaa, com o seu olhar frontal, marcou-me particularmente. Doaa não é uma história de ficção, nem um ponto numa miríade de refugiados. É uma Pessoa, na sua plenitude. Uma pessoa que ao longo destas páginas nos mostra os seus sonhos e as suas angústias. E que, acima de tudo, nas últimas páginas, nos deixa as suas perguntas. É com estas interrogações que cada um de nós se deve confrontar, depois da leitura do livro. Que respostas queremos e podemos dar-lhe?

O segundo «erro» que cometemos quando pensamos em «refugiados» é escondermo-nos atrás da pergunta «Quem são eles?» e construirmos um muro de respostas condicionadas pelo medo e pelo preconceito. «São diferentes», «têm outra religião e outros costumes», «se calhar, são terroristas» são algumas das respostas que encontramos nesse muro. Nas discussões no espaço público e na dinâmica mediática estamos cheios de exemplos desta perversão. A fogueira do medo arde com esses argumentos. Com dolo, ou simplesmente com uma negligência descuidada, muitos vão manipulando o sentir geral a partir dessa pergunta. Vão-nos tornando reféns da desconfiança e empurram-nos para o gesto desumano de fechar a porta a quem nos pede socorro, porque tememos todos os perigos do mundo. Este livro ajuda-nos também a corrigir este erro. Desde logo, porque nos mostra como somos tão iguais, qualquer que seja a nossa pertença cultural ou religiosa. O amor à família, o sonho de uma vida melhor, o desejo de paz, ou a busca de sentido e de um propósito para a vida une-nos como família humana. Na história de Doaa encontramos, parágrafo a parágrafo, essas evidências. Cada refugiado e cada família, neste êxodo, é igual a nós. «Nossas irmãs e nossos irmãos», como gosta de dizer o Papa Francisco. Enquanto crente, impressionou-me particularmente a fé sempre presente na vida de Doaa. Não partilhando a mesma religião, não deixo de ficar emocionado com essa capacidade de ter Deus sempre

presente na sua vida. Para ela, Deus esteve sempre lá. Nunca se abandonaram mutuamente.

Mas «Quem são eles?» não é a questão mais importante no quadro atual. A pergunta que devemos fazer é: «Quem somos nós?». Esta é que é a interrogação vital. Perante cada Doaa, que precisa de ajuda, feita de acolhimento e oportunidade de recomeçar uma vida, o que fazemos nós? Que resposta damos? Sem álibis, nem desculpas mais ou menos elaboradas, que valores mostramos? Esta resposta mostra-nos ao espelho, porque, em grande medida, somos o que fazemos. A nossa identidade não está nas palavras ou nos tratados e leis que nos regem, nem na narrativa que construímos sobre o nosso sentido solidário ou a nossa civilização humanista. Está, acima de tudo, no que fazemos, no concreto, perante as crises que estão perante nós.

Finalmente, esta obra remete-nos também para um terceiro «erro». Quando nos cruzamos com este sofrimento humano, não raras vezes, elaboramos sobre os «culpados». E não nos falta criatividade e cultura política para encontrar uma imensidão de culpados e de instâncias responsáveis. Na nossa «indignação de sofá» atiramos em todas as direções e deixamo-nos consolar com pouco. Encontrados os «culpados» podemos prosseguir a nossa vidinha. Ora a terceira pergunta urgente perante o drama de tantas Doaa é qual é a nossa responsabilidade: o que podemos fazer, concretamente, para abrir «esperanças maiores do que o mar».

Este livro, e particularmente a sua autora, dá-nos várias respostas. Melissa Fleming tem sido, ao longo dos últimos anos, uma voz ativa na defesa dos refugiados. Ao lado de António Guterres, no Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, foi uma porta-voz incansável. Mas, com este livro, foi mais longe. Percebeu que poderia dar um importante contributo para que se tivesse um olhar mais límpido sobre ser refugiado, através da história de vida desta família. E fê-lo. Provavelmente, não se preocupou se seria uma obra prima da literatura ou um texto de antologia. Fez o melhor que sabia, para dar «voz» a Doaa e conseguiu-o. Dessa forma, é uma inspiração para todos nós. Também a Porto Editora é merecedora da nossa gratidão ao ter decidido editar esta obra em português, para

o mercado nacional, e dessa forma, nos tornar mais próximos do rosto humano de cada refugiado.

Tal como Melissa Fleming, ou a Porto Editora, cada um(a) de nós pode fazer alguma coisa. Ninguém pode ser dispensado de dar o seu contributo. Por exemplo, em Portugal, pode fazer-se como quem acolheu Doaa, na Grécia e que num gesto tão bonito, quis nesta história manter-se anónimo. Ser-se instituição anfitriã de uma família de refugiados, para permitir o recomeço de uma nova vida a pessoas que têm experiências duras como a família Al-Zamel é possível. Basta querer¹. Claro que poderemos, depois de ler o livro, continuar a atribuir culpas. Mas, para quem queira ir mais além, há formas de arregaçar as mangas e lançar mãos à obra, honrando a coragem de Doaa e evitando, para outros, o destino de Bassem ou de Malak.

Rui Marques

¹ Para saber mais como acolher uma família de refugiados, via Plataforma de Apoio aos Refugiados, vá a www.refugiados.pt ou contacte via e-mail par@ipav.pt

1

Uma infância na Síria

A segunda vez que Doaa quase morreu afogada, encontrava-se à deriva num mar hostil que acabara de engolir o homem que amava. Tinha tanto frio que não sentia os pés e tanta sede que a língua inchava dentro da boca. E era tão avassaladora a dor que a invadia, que se não fosse pelas duas bebés que segurava nos braços, ainda agarradas à vida por ténues fios, teria deixado que o mar a tragasse. Não havia terra à vista, apenas os destroços do naufrágio, alguns sobreviventes que rezavam, pedindo a Deus que os salvasse, e dezenas de corpos inchados a boiar.

Treze anos antes, tinha sido um pequeno lago, e não um mar imenso, que quase havia tirado a vida a Doaa, mas nessa altura a família estava lá para a salvar. Doaa tinha 6 anos e era a única pessoa da família que se tinha recusado a aprender a nadar. A água aterrorizava-a, e só de a ver, ficava apavorada.

Quando a família ia passear junto ao lago, perto de casa, Doaa ficava sempre sentada na margem, sozinha, a ver as irmãs e os primos a chapinhar, a mergulhar e a dar cambalhotas na água para se refrescarem do calor escaldante do verão sírio. Quando tentavam convencê-la a juntar-se a eles, Doaa recusava firmemente, sentindo que essa resistência lhe dava uma certa sensação de poder. Já em criança ela era teimosa. «Ninguém consegue obrigar a Doaa a fazer o que não quer», dizia a mãe a toda a gente, num misto de orgulho e irritação.

Uma tarde, um primo de Doaa, já adolescente, achou que ela estava a ser pateta e que já estava mais do que na hora de aprender a nadar. Doaa estava sentada a desenhar distraidamente formas na

areia com os dedos e a ver os companheiros a chapinhar na água, quando o primo se aproximou dela por trás, a agarrou pela cintura e a ergueu no ar. Ela desatou a gritar e a espernear, mas o primo ignorou os seus protestos e levou-a ao ombro até ao lago. O rosto de Doaa ia colado às costas dele e as pernas a baloiçar-lhe contra o peito enquanto Doaa lhe dava pontapés no tórax com quanta força tinha e lhe cravava as unhas na cabeça. As outras crianças riram a bom rir quando o primo abriu os braços e a deixou cair na água turva. Doaa entrou em pânico ao mergulhar de cabeça no lago e, embora a água lhe desse apenas pelo peito, ficou paralisada de medo, incapaz de se equilibrar e, em vez de ficar a boiar à superfície, foi ao fundo, enquanto tentava desesperadamente respirar, mas apenas engolia água.

Dois braços tiraram-na do lago mesmo a tempo e levaram-na para a margem, para o colo reconfortante da mãe, que assistia a tudo estarrecida. Por entre soluços e ataques de tosse, Doaa expulsou toda a água que engolira, e nesse momento jurou que nunca mais entraria na água.

Nessa altura, não havia no mundo mais nada que Doaa temesse, pois tinha a família sempre presente para a proteger.

Aos 6 anos, Doaa não se conseguia lembrar de um único momento em que tivesse estado sozinha. Vivia com os pais e cinco irmãs num quarto da casa de dois andares do avô, enquanto os três irmãos do pai e respetivas famílias ocupavam o resto da casa. Todos os momentos da vida de Doaa estavam repletos de familiares: dormia lado a lado com as irmãs e os momentos das refeições eram partilhados com todos entre animadas conversas.

A família Al Zamel vivia em Daraa, a maior cidade do sudoeste da Síria, a poucos quilómetros da fronteira com a Jordânia e a sul de Damasco, que ficava a cerca de duas horas de carro. Daraa fica num planalto vulcânico de solo rico e vermelho. Em 2001, quando Doaa tinha 6 anos, a cidade era famosa pela grande quantidade de frutos e legumes que a terra produzia – romãs, figos, maçãs, azeitonas, tomates. Até se dizia que o que Daraa produzia chegava para alimentar toda a Síria.

Porém, alguns anos mais tarde, em 2007, o país foi assolado por uma seca devastadora que durou três anos e obrigou muitos agricultores

a abandonarem os seus campos de cultivo e a mudarem-se com as famílias para cidades como Daraa em busca de trabalho. Alguns especialistas acreditam que essa deslocação em massa deu origem a um grande descontentamento que, em 2011, se avolumou e se transformou numa gigantesca onda de protestos que precipitaria a sublevação armada que viria a destruir a vida de Doaa.

Mas em 2001, quando Doaa não passava de uma criança, Daraa era um lugar pacífico, onde as pessoas viviam as suas vidas com uma esperança renovada no futuro do país. Bashar al-Assad acabara de suceder ao pai, o despótico Hafez al-Assad, na presidência da Síria. A população síria tinha esperança de que o país viesse a conhecer melhores dias, acreditando, no início, que o jovem presidente poria fim às políticas repressivas do pai. Bashar al-Assad e a sua encantadora mulher, Asma, tinham sido educados em Inglaterra e o seu casamento era visto como uma fusão, pois ele era oriundo do ramo islâmico minoritário aluíta e ela pertencia à maioria sunita, tal como a família de Doaa. A sua política era secular e havia uma esperança generalizada, principalmente entre a elite culta de Damasco, de que, sob a sua liderança, o estado de emergência, que durara quarenta e oito anos e que o pai herdara e mantivera para esmagar os dissidentes, fosse revogado e fossem levantadas as restrições à liberdade. A pretexto de defender a segurança nacional do perigo que constituíam os militantes islâmicos ou os rivais vindos do exterior, o governo tinha usado os poderes inerentes ao estado de emergência para restringir severamente os direitos e liberdades individuais e permitir que as forças de segurança fizessem prisões preventivas legalmente questionáveis.

As populações mais conservadoras e mais pobres, como as de Daraa, esperavam acima de tudo melhorias económicas, mas a maioria aceitava tranquilamente a forma como as coisas funcionavam no país. Esse consentimento tácito era o resultado de uma dura lição aprendida em 1982 na cidade de Hama, quando o presidente Hafez al-Assad ordenou a execução de milhares de cidadãos como pena coletiva pela sublevação do movimento da Irmandade Muçulmana, que ameaçava o seu domínio. A memória dessa retaliação brutal ainda estava bem presente na mente dos sírios, mas todos esperavam que o filho de Hafez al-Assad, uma nova geração

no poder, pusesse fim a algumas das restrições que tão difícil tornavam a vida quotidiana. Porém, para desilusão da população síria, a veia reformista do novo presidente não passava de palavras vãs e, no fundo, não houve mudanças substanciais. A verdade é que, depois de Hama, poucos ousavam desafiar aquele regime autoritário.

Aos sábados, quando Doaa era pequena, o antigo mercado da cidade – o *souk* – enchia-se com a população local e visitantes vindos da Jordânia, do outro lado da fronteira, que vinham à procura de produtos de alta qualidade a preços acessíveis e negociar alfaias e produtos agrícolas. Situada na principal rota comercial do Golfo Pérsico, Daraa atraía pessoas de toda a região, que chegavam em grupos ou que faziam de Daraa ponto de paragem no seu trajeto. Contudo, havia no seu seio uma comunidade coesa de famílias alargadas e relações de amizade que abarcavam gerações.

As crianças de Daraa, tal como as de outros lugares da Síria, viviam com as famílias até à idade adulta. Os rapazes continuavam a viver em casa da família mesmo depois de casarem, para lá levando as mulheres e lá criando os filhos. Os lares sírios, como o de Doaa, estavam sobrelotados com membros da mesma família e albergavam várias gerações que partilhavam a mesma casa. Quando os quartos de um piso já não chegavam para toda a família, era construído um novo piso e a casa ia crescendo na vertical.

Na casa de Doaa, parte do piso térreo era ocupado pelo seu tio Walid, a tia Ahlam e os seus quatro filhos. Ao lado, morava o tio Adnaan com a mulher e os filhos, ao todo seis pessoas, e era aí que os avós de Doaa, Mohamed e Fawziyaa, tinham o seu próprio quarto. No piso da açoteia, o tio Nabil e a mulher, Hanadi, ocupavam um pequeno quarto que partilhavam com os seus três filhos e duas filhas. A família de Doaa, composta por oito pessoas, partilhava um quarto no piso térreo, perto da cozinha, que era o local mais movimentado e barulhento de toda a casa. Todos os quartos principais estavam dispostos em redor de um pátio interior, típico das casas árabes, onde as crianças corriam de um lado para o outro, entrando e saindo, e onde brincavam juntos quando saíam da escola e entre as refeições. A açoteia oferecia também um espaço de convívio familiar e, nas noites quentes, toda a família costumava ficar lá até

às primeiras horas da madrugada, os homens a fumar cachimbos de água e as mulheres a tagarelar enquanto iam bebendo chá sírio. Nas noites especialmente quentes, a família deixava-se seduzir pela brisa fresca que corria no terraço e todos levavam para lá os seus colchões, dormindo ao relento sob o céu estrelado.

Toda a família – tias, tios e primos – fazia refeições em comum no pátio, sentando-se todos em círculo na carpete ao redor de pratos de comida fumegante. Doaa e as irmãs comiam compulsivamente, devorando tudo o que pudessem, pegando na comida com finos pedaços de pão pita.

O pai de Doaa prezava estes momentos em família, pois eram os únicos durante o dia que podia passar com as filhas. Assim que a refeição terminava e ele acabava de beber o seu chá açucarado, pegava na bicicleta e ia para a sua barbearia, onde trabalhava até à meia-noite.

O amor, os conflitos, as alegrias e as tristezas de viver no seio de um grande clã influenciavam todo o quotidiano de Doaa, e debaixo do teto desta família unida as tensões começavam a fazer-se sentir.

Quando Doaa nasceu, os pais já tinham três filhas e enfrentavam a pressão familiar por não terem um filho varão. Na sociedade síria, patriarcal e tradicionalista, os rapazes eram mais valorizados do que as raparigas. As pessoas acreditavam que eles apoiariam a família, ao passo que as raparigas casariam e dedicariam toda a sua atenção ao marido e à família dele. Shokri, o pai de Doaa, era um homem bem parecido, de cabelo preto encaracolado. Era barbeiro desde os 14 anos e tinha trabalhado em tempos na Grécia e na Hungria. Shokri tinha planeado regressar à Europa para procurar trabalho e uma mulher estrangeira, mas mudou de planos quando conheceu Hanaa, a mãe de Doaa. Hanaa estava a terminar o liceu quando se conheceram no casamento de um vizinho, e sentiram-se imediatamente atraídos um pelo outro. Hanaa, uma rapariga de pequena estatura com uma longa cabeleira negra ondulada e cativantes olhos verdes, achou Shokri mais experiente e autoconfiante do que os outros rapazes da cidade e gostou da maneira como ele se vestia, de calças de ganga à boca de sino, e de como tocava alaúde, um instrumento de cordas considerado o antecessor da guitarra.

Casaram-se quando ela tinha apenas 17 anos e os primeiros anos de vida em comum foram pacíficos e repletos de amor, mas a pouco e pouco a situação foi-se alterando. A primeira vez que Hanaa ouviu a sogra, Fawziyaa, a lamentar-se por Hanaa e Shokri não terem um filho varão foi depois de ela ter dado à luz a terceira filha. Hanaa ficou chocada ao ouvir os familiares de Shokri a incentivarem-no a procurar outra mulher que lhe desse um filho. Apesar de ter de lutar contra preconceitos e expectativas profundamente enraizadas, Shokri sentia orgulho nas filhas à medida que elas iam crescendo. Porém, a mãe dele continuava a recriminar Hanaa e a insistir que Shokri merecia ter filhos varões. A casa da família, outrora um lar acolhedor para Shokri e Hanaa, em breve se tornou num lugar de conflito, pois as cunhadas de Hanaa aliavam-se à sogra e, entre cochichos e mexericos, comentavam a incapacidade de Hanaa para gerar filhos varões.

Quando Doaa nasceu, a 9 de julho de 1995, Hanaa recebeu as habituais felicitações pouco calorosas da família de Shokri acrescidas do comentário: «Da próxima vez, *inshallah* [se Deus quiser] será um rapaz».

Mas sempre que Hanaa olhava para a bebé de ar grave e sério, sentia que havia algo de especial naquela menina. Um dia, uma amiga da família, uma mulher rica e respeitada, foi visitar a recém-nascida e ajudou a definir o lugar de Doaa na família. Essa amiga, ela própria incapaz de ter filhos e boa conhecedora da dinâmica familiar, sentiu a pressão de que Hanaa estava a ser vítima para ter um filho varão e decidiu agir em seu auxílio. Quando a família estava reunida na cozinha para dar as boas-vindas à sua convidada especial, ela pegou em Doaa e segurou-a nos braços com muito carinho. Depois, olhando para o rosto sério da bebé, colocou-lhe um dedo na testa e proclamou: «Esta menina é especial.» E referindo-se ao significado do nome «Doaa», acrescentou: «É uma dádiva de Deus». E, antes de se ir embora, ofereceu ainda dez mil libras sírias de presente a Hanaa, uma pequena fortuna que deixou a restante família estupefacta. O estatuto especial desta amiga, uma abastada residente num dos Estados do Golfo, impunha respeito. Depois deste episódio, a mãe de Shokri queria sempre pegar na pequena Doaa ao colo e, por algum tempo, os insultos a Hanaa pararam.

À medida que Doaa ia crescendo, todos se encantavam com ela. Era extremamente tímida, ao invés das irmãs, que eram mais extrovertidas, mas por isso mesmo as pessoas sentiam-se tentadas a fazê-la sair da sua concha. Havia nela tanta doçura que, sempre que Hanaa a levava à rua, as pessoas não se cansavam de comentar os seus lindos olhos castanhos emoldurados por longas pestanas e o seu ar sereno. «Soubemos desde o princípio que ela traria boa sorte à nossa família», recorda Hanaa.

Três anos após o nascimento de Doaa, Hanaa deu à luz mais uma filha, Saja, e, dois anos mais tarde, uma sexta filha, Nawara. E, de repente, o falatório sobre o «pobre Shokri» que não tinha filhos varões reacendeu-se. Além disso, os oito membros da família partilhavam agora um quarto com quatro por cinco metros com uma janela.

A restante família também continuava a crescer, à medida que as tias e os tios de Doaa iam tendo mais filhos. As famílias numerosas são comuns na Síria, pois o nascimento de uma criança é visto como um sinal de boa sorte, e uma família grande é sinónimo de felicidade conjugal e dá aos pais a certeza de terem quem cuide deles na velhice.

Porém, com mais de vinte e sete pessoas a viverem na mesma casa, os atritos entre as mulheres começaram a aumentar. Era impossível cozinhar ao mesmo tempo para tanta gente, e as refeições comunais, que outrora traziam tanta alegria a toda a família, tiveram de acabar, e cada família nuclear passou a usar a cozinha à vez. Hanaa ficou com o primeiro turno, o que a obrigava a ir a correr ao mercado todas as manhãs e depois descascar e cortar os legumes para cozinhar tudo a tempo de servir o almoço ao meio-dia, quando Shokri fazia uma pausa na barbearia até às três horas. Essa era a refeição principal da família, e Hanaa fazia questão de que fosse especial. Sempre tivera prazer e orgulho em confeccionar aquela refeição, mas sentia-se agora pressionada e obrigada a tentar evitar conflitos com a família do marido.

Doaa, os pais e as irmãs faziam agora todas as refeições no seu pequeno quarto, sobre uma toalha de mesa de plástico que estendiam no chão. O quarto tinha-se tornado no centro do seu universo, funcionando agora como quarto de dormir, sala de estar e de

jantar, e todo o convívio familiar decorria agora entre aquelas quatro paredes.

À medida que as raparigas cresciam, ia-se tornando cada vez mais difícil adaptar as suas rotinas a um espaço tão exíguo. À noite, Doaa e as irmãs pegavam nos colchões e estendiam-nos nos espaços que encontrassem disponíveis no chão, como quem monta um puzzle. Doaa escolhia sempre o espaço por baixo da janela, para poder adormecer a olhar para o céu e a ver as estrelas. Quando por fim as filhas adormeciam, Hanaa e Shokri tinham de ziguezaguear por entre o emaranhado de braços e pernas até ao seu canto do quarto.

Para Hanaa, o ambiente naquela casa sobrelotada tinha-se tornado insuportável. Além disso, as cunhadas continuavam a recriminá-la por não ter filhos varões. Uma noite, quando mais uma vez as ouviu a falar dela na cozinha, Hanaa decidiu que já chegava de insinuações e brigas por causa da utilização da cozinha, sem falar na interminável barulheira. Nessa noite, quando Shokri voltou da barbearia, Hanaa estava à espera dele na soleira da porta, de braços cruzados, a lutar para engolir as lágrimas.

– Ou arranjas outra casa só para nós, ou arranjas outra mulher – exigiu ela. – Não podemos continuar a viver aqui. – E aproximou-se mais de Shokri. – E não é só por minha causa. A Ayat tem 15 anos e a Alaa 13. Já são adolescentes! Estão fartas de partilhar o quarto connosco. Precisam de ter a sua privacidade. Se não procurares outro sítio para morar, deixo-te e peço o divórcio.

Shokri já se tinha apercebido da tensão crescente e da dificuldade que tinham em fazer uma vida normal naquele quarto minúsculo. Ao fim de dezasseis anos de casamento, Shokri sabia que as ameaças de Hanaa não eram vãs. Os seus lábios crispados e o semblante feroz diziam-lhe que cumpriria a ameaça de se ir embora e ele percebeu que tinha de procurar um emprego mais bem remunerado para se poderem mudar para outra casa.

Doaa, agora com 6 anos, vivia alheada das tensões latentes e não fazia ideia que estava prestes a descobrir, pela primeira vez na vida, que o seu mundo não era tão seguro como parecia. Para ela, aquela casa grande ainda era sinónimo de memórias felizes: do aroma

intenso da carne a estufar e das especiarias; do riso e das brincadeiras infundáveis com os primos no pátio ornamentado de fragrantes flores de jasmim; das noites quentes na açoteia a ouvir o burburinho dos adultos a conversarem e a fumarem *shisha*.

Shokri não sabia fazer mais nada senão ser barbeiro mas, ainda assim, indagou pelas redondezas se o seu velho *Peugeot* amarelo poderia servir para transportar mercadorias para o outro lado da fronteira, para a Jordânia. O *submarino amarelo* era o único meio de transporte da família e também motivo de gracejos. Apesar de enfeijado e amolgado, e da tendência para avariar durante os passeios de fim de semana, o carro era o orgulho e a alegria de Shokri. E agora era também a esperança da família para poderem sair daquela casa sufocante e sobrelotada.

Shokri encontrou um comerciante jordano que se propôs pagá-lo se Shokri carregasse o carro com embalagens de biscoitos sírios produzidos localmente e os fosse entregar a clientes do outro lado da fronteira, na Jordânia.

Durante os dois meses seguintes, Shokri saía de casa de madrugada e levava o *Peugeot* até à fábrica, em Daraa, onde o carregava com caixas de bolos e biscoitos. Por vezes o carro ia tão cheio que Shokri mal conseguia ver pelo retrovisor. Se houvesse pouco trânsito na fronteira, conseguia fazer a viagem de ida e volta em cinco horas e chegar a casa a tempo de almoçar com a família antes de ir para a barbearia, onde fazia o turno da tarde. Doaa e as irmãs adoravam este novo emprego do pai, pois quando regressava trazia-lhes sempre guloseimas da Jordânia, e elas costumavam até ficar à porta, à espera do *kubz ishtiraak*, uma espécie de pão pita que não conseguiam encontrar na Síria, e das batatas fritas *Barbi*, de que gostavam mais do que as que se vendiam em Daraa. Shokri também lhes trazia vestidos e outras peças de roupa mais modernas do que as que habitualmente usavam.

Uma tarde, porém, Shokri não regressou, e as horas foram passando sem que a família tivesse notícias dele. Hanaa e as filhas estavam cada vez mais preocupadas, pois Shokri avisava sempre que vinha mais tarde. Hanaa pediu ajuda a toda a família e também a vizinhos e amigos, até que por fim, após longas horas de telefonemas

desesperados, Raja, a tia de Doaa, soube através de um amigo da Jordânia que Shokri tinha sido detido. Os guardas da fronteira tinham encontrado no carro mais do que os 100 quilos de mercadorias permitidos por lei, com a agravante de as guias de transporte que o dono da fábrica tinha dado a Shokri serem falsas. Shokri estava, por isso, detido numa prisão da Jordânia.

Sabendo das terríveis condições de vida nas prisões, a família ficou em pânico, imaginando-o a dormir no chão numa cela sobrelotada, a passar fome e impossibilitado de se lavar ou sequer de se mexer. Sem dinheiro para pagarem a um advogado, tentaram, aflitos, descobrir um meio de contornar o complexo sistema judicial jordaniano.

Quanto mais dias passavam, mais aumentava a preocupação da família. Estavam não só preocupados com o bem-estar de Shokri, mas também com o facto de não conseguirem sobreviver sem ele. O dinheiro que ele trazia para casa mal dava para as necessidades básicas e agora viam-se sem qualquer fonte de rendimento. A família de Hanaa acorreu em seu auxílio, dando-lhe comida e a ajuda monetária que podiam. Porém, sendo uma família pobre, os Al Zamel não tinham ligações a pessoas influentes do governo que os pudessem ajudar, e também não se atreviam a comunicar às autoridades locais que Shokri estava preso na Jordânia com receio de que isso lhe trouxesse mais problemas legais quando regressasse.

Como a família não tinha permissão para o ir visitar ou falar com ele pelo telefone, só esporadicamente tinham notícias de Shokri através de contactos na Jordânia, mas essas informações eram tão confusas que apenas aumentavam ainda mais a ansiedade em que viviam quanto ao tratamento que lhe estava a ser dado na prisão. Doaa e as irmãs passavam os dias a chorar e, à noite, depois de as filhas adormecerem, Hanaa chorava também sem saber se o marido voltaria para casa.

Face a esta situação, toda a família se uniu na tentativa de encontrar uma maneira de tirar Shokri da prisão. E, de facto, quatro meses após a detenção, um amigo do irmão de Shokri, chamado Adnaan, pagou dez mil libras sírias (o equivalente a €450) a um advogado bem relacionado na Jordânia para defender Shokri. O advogado conhecia bem tanto o sistema judicial como as autoridades

prisionais e o juiz que seria necessário subornar para que Shokri pudesse ser libertado.

Com as dez mil libras sírias, o advogado comprou o mais puro azeite sírio – a duzentas libras sírias o litro – para oferecer às autoridades responsáveis pelo caso, e os melhores cortes de carne para oferecer ao juiz. O advogado convenceu o juiz de que Shokri tinha sido enganado pelo dono da fábrica e de que não passava de um homem honesto que lutava para sustentar a família. Os subornos produziram o efeito desejado e Shokri foi, finalmente, posto em liberdade.

Dooa e a família quase não reconheceram o homem magro e de barba hirsuta que lhes apareceu à porta uma noite, já tarde. Mas ao ouvirem a sua voz, as filhas correram para ele entre gritos de alegria, de braços abertos para o acolherem. Ao fim de quatro meses, Dooa tinha de novo o pai junto de si e não queria voltar a perdê-lo.

Após a libertação de Shokri, a vida retomou o seu curso normal. Ele voltou para a barbearia, Hanaa continuou a cozinhar para a família e, juntos, continuaram a perseguir o sonho de terem um espaço só para eles, acabando por encontrar um apartamento com uma renda acessível numa zona mais modesta de Daraa, para onde se mudaram com as filhas.

A segunda casa de Dooa era um apartamento com três divisões no bairro de Tareq Al-Sad, numa zona pobre, conservadora e subdesenvolvida. Shokri e Hanaa levaram meses para encontrar aquele apartamento sujo, encardido e a precisar de obras, mas pelo menos ali não precisavam de se preocupar em não incomodar tios e tias, e as crianças podiam correr à vontade e ser elas próprias. Dooa e as irmãs depressa se prontificaram a ajudar os pais a limpar a casa e a torná-la mais alegre.

Dooa, porém, teve dificuldade em se adaptar. Detestava mudanças e tinha saudades dos primos. Acima de tudo, tinha saudades da sua antiga escola. Levava muito tempo a sentir-se à vontade com os professores e os colegas e agora tinha de começar tudo de novo. Na nova escola, Dooa resguardava-se timidamente enquanto as irmãs faziam novas amizades. Fingia frequentemente estar doente só para não ter de ir à escola. Mas Dooa era o tipo de criança que granjeava

afetos e, com o tempo, foi fazendo amizades e começou a gostar do novo ambiente que a rodeava.

Em 2004, a família celebrou o nascimento de Mohammad, o irmão mais novo de Doaa, que a família tratava por Hamudi. Por fim, havia um filho varão na família. As irmãs adoravam-no e brigavam entre si para ver quem tomava conta dele. Agora que havia um rapaz na família, as tias e os tios de Doaa convidaram-nos para voltarem a morar na casa da família, mas Hanaa recusou. Estavam instalados na sua própria casa e já tinham criado laços com a nova vizinhança.

Porém, quando Doaa fez 14 anos, o proprietário do apartamento onde viviam precisava dele e a família Al Zamel ia ter de se mudar mais uma vez. E Doaa, que detestava mudanças, ia ter de se desenraizar novamente.

Encontrar um novo apartamento compatível com o salário modesto de Shokri parecia um desafio intransponível. Havia cada vez mais pessoas a chegar a Daraa em busca de trabalho e as rendas estavam a subir. Ao fim de três meses de busca, a família de Doaa acabou por encontrar no bairro arborizado de El-Kashef uma casa que ultrapassava as suas expectativas: um modesto apartamento com três divisões, uma cozinha pequena mas luminosa e uma açoteia orlada de videiras. Shokri e Hanaa tinham um quarto só para eles e as filhas dormiam numa divisão que era sala de estar durante o dia. Por essa altura, Ayat, a filha mais velha, já tinha casado e vivia com a família do marido.

No entanto, Doaa não alimentava qualquer esperança de vir a ser feliz na nova casa, sofrendo com a perda irreparável das amigas que fizera no antigo bairro e das pessoas que a compreendiam sem esforço. Mais uma vez a viver num ambiente novo, Doaa sentia-se vencida pela timidez.

Na nova escola recusava-se a falar e as notas baixaram. A princípio, resistia a qualquer gesto de aproximação e, apesar das tentativas das irmãs Asma e Alaa para que Doaa fizesse amizades, ela recusava-se, deixando bem claro que ninguém podia forçá-la a fazer o que não queria. Usava a timidez e a teimosia feroz para se proteger e para controlar as situações em que se sentia pouco à vontade,

e levou muito tempo a confiar nas pessoas e a permitir que alguém visse quem ela era realmente.

No entanto, com o passar do tempo, e tal como acontecera nos bairros anteriores, a couraça de Doaa começou a ceder e ela acabou por sair da sua concha. Ao fim de algum tempo, fez amigas e costumavam passear em grupo pelo bairro e ir para casa umas das outras estudar juntas, tagarelar e falar sobre rapazes. Costumavam ir para a açoteia de Doaa – o seu lugar preferido na nova casa – para desfrutarem do sol e, ao entardecer, voltavam para dentro e dançavam em círculo ao som de música *pop* árabe, cantando as letras das canções em uníssono.

Apesar de Doaa ter acabado por ser feliz no novo bairro com as suas novas amigas, tornara-se-lhe óbvio que a vida tradicional de uma rapariga síria não lhe bastava. A teimosia de quando era criança tornou-se numa determinação em ir mais além. A população de Daraa era uma comunidade tradicional, mas Doaa sabia através de telenovelas e de um ou outro filme que, mesmo no seu país, havia mulheres que estudavam e trabalhavam fora de casa. O estado sírio tinha-se declarado oficialmente a favor da igualdade das mulheres, o que gerara uma tensão crescente entre duas fações: a que defendia que as mulheres deviam resignar-se a ser donas de casa, submissas aos pais e aos maridos arrançados pela família, e a que sustentava que as mulheres tinham o direito de ambicionar ter mais educação, uma carreira e um marido escolhido por si próprias. A professora preferida de Doaa costumava dizer às alunas: «Devem estudar arduamente para serem as melhores da vossa geração. Pensem no vosso futuro, não apenas no casamento». Ao ouvir estas palavras, Doaa sentia crescer dentro de si uma vontade férrea de impedir que os planos que as pessoas tinham em relação a si não se concretizassem, e de viver uma vida independente.

A partir do sexto ano, os rapazes e as raparigas já não partilhavam as mesmas salas de aula. Embora Doaa e as amigas conversassem sobre rapazes, não era culturalmente aceite que conversassem *com* eles. Aos 14 anos, ela e as amigas aproximavam-se da idade em que, por tradição, as raparigas se casavam. As amigas faziam apostas sobre qual delas seria a primeira a casar, mas quando Doaa pensava

no futuro e no que lhe estaria reservado, tudo o que lhe ocorria era ajudar a família.

O lugar preferido de Doaa, excetuando a escola e a própria casa, era a barbearia do pai. Queria mostrar-lhe que, mesmo não sendo um rapaz, podia ser uma colaboradora útil e eficiente. Desde os 8 anos que costumava ir ajudar o pai na barbearia sempre que podia. Enquanto Shokri aparava e cortava cabelos, Doaa varria o chão, e sempre que o pai acabava de barbear um cliente, lá estava ela com uma toalha limpa e seca. Quando entravam novos clientes, Doaa esgueirava-se até à pequena cozinha ao fundo do salão para depois aparecer com um tabuleiro com chá bem quente ou pequenas chávenas do amargo café árabe.

Às quintas-feiras, Shokri deixava que Doaa, depois de vir da escola, lhe fizesse a barba com a máquina de barbear elétrica, rindo-se do ar compenetrado da filha e chamando-lhe «a minha barbeira», enquanto ela se concentrava na tarefa em mãos. Aquela alcunha enchia-a de orgulho e aumentava ainda mais a sua determinação de, no futuro, vir a ganhar o seu próprio dinheiro para poder ajudar o pai.

Quando as suas irmãs Asma e Alaaa se casaram, aos 17 e 18 anos respetivamente, a família começou a provocá-la. «Tu vais ser a próxima!», diziam-lhe, mas Doaa logo retorquia que não pensassem nisso, pois tão cedo não estava interessada em casar. Após a surpresa inicial, os pais de Doaa acabaram por aceitar que a filha seguiria um caminho diferente do das outras raparigas e, por vezes, acalentavam o sonho de que ela pudesse ser o primeiro membro da família a ir para a universidade. Hanaa sempre lamentara nunca ter tido essa oportunidade e exultava com a ideia de uma das suas filhas poder seguir a profissão dos seus sonhos.

Mas Doaa surpreendeu-os a todos ao dizer que queria ser polícia. «Polícia?», repetiu Hanaa. «Devias era ser advogada ou professora!».

A ideia também não agradava a Shokri, que detestava imaginá-la a patrulhar as ruas, a misturar-se com gente de todos os estratos sociais e a perseguir criminosos. Além disso, ele não confiava muito na polícia. Sendo Shokri um homem conservador, acreditava que era ao homem que cabia o papel de proteger a sociedade, principalmente as mulheres, e não o contrário. Mas Doaa insistia, dizendo

que queria servir o seu país e ser alguém a quem as pessoas recorrem em tempos conturbados.

Enquanto o pai reprovava tal vocação e as irmãs troçavam dela por sonhar ser polícia, Hanaa não a ridicularizava. Muito pelo contrário, conversava com a filha, tentando compreender as suas motivações. Doaa confessou-lhe que se sentia constrangida por ser mulher. Porque não havia ela de ser independente e construir a sua vida? Porque teria de estar ligada a uma figura masculina?

Hanaa admitia que, apesar de se ter apaixonado por Shokri, lamentava ter casado aos 17 anos. Hanaa era a melhor aluna da turma, excelente em Matemática e em Economia e Gestão. Tudo o que tinha querido era continuar a estudar e ingressar na universidade, mas nessa altura as mulheres tinham poucas alternativas que não fossem casar e construir uma família. No entanto, Hanaa pensava que talvez as coisas pudessem ser diferentes com Doaa.

Quando as tias convidaram Doaa para ir com elas a Damasco, a cosmopolita capital da Síria, Shokri deixou-a ir, na esperança de que a viagem pudesse satisfazer a sua ânsia de aventura. Porém, a viagem apenas a exarcebou. Doaa ficou fascinada com aquela cidade tão vibrante e imaginou-se logo a passear naquelas ruas, a visitar a belíssima mesquita dos Omíadas, a regatear com os vendedores do movimentado *souk* e a trilhar os caminhos do extenso campus da universidade onde esperava poder vir a estudar um dia. Damasco abriu-lhe os olhos e fez Doaa concentrar-se num futuro diferente do futuro tradicional que lhe estava prescrito.

Mas estes sonhos ser-lhe-iam arrancados em breve. A 19 de dezembro de 2010, depois de levantar a mesa no fim do jantar, a família reuniu-se como de costume diante da televisão para ver as notícias nos canais por satélite. A Al Jazeera liderava as audiências com uma notícia de última hora vinda da Tunísia, onde um jovem vendedor ambulante, chamado Mohamed Bouazizi, se tinha imolado pelo fogo depois de a polícia lhe ter confiscado o carrinho dos legumes que vendia. A falta de oportunidades no país tinha forçado o tunisino a vender fruta e legumes pelas ruas, mas quando a última réstia de dignidade lhe foi tirada, ele decidiu pôr termo à própria vida numa terrível manifestação pública de protesto. Era o início

da que viria a ser conhecido como Primavera Árabe, e toda a região estava prestes a mudar.

Incluindo Daraa. Mas não da maneira que a população da terra natal de Doaa esperava.